

TEJU COLE

Cidade aberta

Romance

Tradução

Rubens Figueiredo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Teju Cole
Todos os direitos reservados

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Open city

Capa
Elisa v. Randow sobre fotografia *Placa* (2010) de Emmanuel Nassar

Preparação
Leny Cordeiro

Revisão
Luciane Helena Gomide
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cole, Teju
Cidade aberta / Teju Cole ; tradução Rubens Figueiredo.
— 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Open city.
ISBN 978-85-359-2125-0

1. Ficção norte-americana 1. Título.

12-05659

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2012]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

PARTE I

A morte é uma perfeição do olho

1.

Então, quando comecei a fazer minhas caminhadas à noite no outono passado, descobri que Morningside Heights era um bom caminho para se entrar na cidade. A trilha que desce da Catedral de São João Divino e atravessa o Morningside Park fica a apenas quinze minutos do Central Park. Na outra direção, seguindo para oeste, são quinze minutos até o Sakura Park e, indo de lá para o norte, caminha-se rumo ao Harlem, em paralelo ao rio Hudson, embora o trânsito torne inaudível o rio, que corre por trás das árvores. Essas caminhadas, um contraponto a meus dias atarefados no hospital, eram cada vez mais demoradas e me levavam cada vez mais longe, de modo que muitas vezes eu me apanhava a uma grande distância de minha casa, já tarde da noite, e era obrigado a voltar de metrô. Dessa maneira, no início do último ano de minha bolsa de pesquisa em psiquiatria, a cidade de Nova York ficou gravada em minha vida como um local para caminhadas.

Não muito antes de começarem aqueles passeios sem rumo, eu me havia habituado a observar, pela janela de meu aparta-

mento, a migração das aves, e agora me pergunto se as duas coisas não estão ligadas. Nos dias em que chegava do hospital bem cedo, eu olhava com atenção pela janela, como alguém à procura de presságios, na esperança de ver o milagre da imigração natural. Toda vez que avistava gansos descendo em formação pelo céu, me perguntava como devia parecer nossa vida aqui embaixo, vista da perspectiva deles, e imaginava que, se alguma vez os gansos se dessem ao trabalho dessa especulação, os edifícios altos deviam parecer pinheiros aglomerados num bosque. Muitas vezes, quando eu observava o céu, tudo o que via era a chuva, ou a tênue esteira de fumaça de um avião cortando a janela ao meio e, em algum ponto dentro de mim, duvidava que aquelas aves, com suas asas e pescoços escuros, seus corpos pálidos e seus pequenos corações incansáveis, existissem de fato. As aves me deixavam tão admirado que, quando elas não estavam visíveis no céu, eu não conseguia confiar em minha memória.

Pombos voavam de vez em quando, assim como pardais, cambaxirras, papa-figos, sanhaços e andorinhões, embora fosse quase impossível distinguir umas aves das outras naquelas minúsculas manchas solitárias e quase sempre sem cor que eu avistava palpitando pelo céu. Enquanto esperava as raras esquadrilhas de gansos, às vezes ficava ouvindo o rádio. Em geral, evitava as estações americanas, que tinham anúncios demais para o meu gosto — Beethoven seguido de casacos para esquiar, Wagner depois de queijo artesanal —, eu preferia ouvir pela internet alguma estação de rádio do Canadá, da Alemanha ou da Holanda. E embora muitas vezes não conseguisse entender os locutores, pois minha compreensão daqueles idiomas é limitada, a programação sempre combinava de maneira exata com meu estado de ânimo à noite. Boa parte da música era familiar, pois naquela altura já fazia mais de catorze anos que eu era um ávido ouvinte de estações de rádio de música clássica, mas algumas peças eram novidade. Também

havia raros momentos de assombro, como a primeira vez em que ouvi, numa estação de rádio de Hamburgo, uma fascinante composição para orquestra e solo de viola, de Shchedrin (ou talvez fosse Ysaÿe), que até hoje não consegui identificar.

Gostava dos murmúrios dos locutores, o som daquelas vozes que falavam com calma, a milhares de quilômetros de distância. Eu diminuía o volume dos alto-falantes do computador e olhava para fora, aninhado no conforto proporcionado por aquelas vozes, e não era nem um pouco difícil fazer uma comparação entre mim mesmo, em meu apartamento acanhado, e o locutor, ou locutora, em sua cabine, no que devia ser o meio da noite em algum ponto da Europa. Ainda agora, em minha mente, aquelas vozes desencarnadas continuam associadas à chegada dos gansos em migração. Não que eu tenha visto as migrações mais de três ou quatro vezes, na verdade: em geral, o que eu via eram as cores do céu no crepúsculo, seu azul poeirento, rubores sujos e cores ocres, tudo aos poucos dando lugar a uma sombra profunda. Quando escurecia, eu pegava um livro e lia, sob a luz de uma antiga luminária de mesa que eu havia resgatado numa das caçambas de lixo na universidade; a lâmpada ficava meio encoberta por um sino de vidro que lançava uma luz esverdeada sobre minhas mãos, sobre o livro em meu colo, sobre o estofamento puído do sofá. Às vezes, eu chegava a pronunciar as palavras do livro em voz alta para mim mesmo e, ao fazer isso, percebia a maneira estranha como minha voz se misturava com o murmúrio dos locutores de rádio franceses, alemães ou holandeses, ou com a fina textura das cordas dos violinos das orquestras, tudo isso reforçado pelo fato de que tudo o que eu lia tinha sido, provavelmente, traduzido de um dos idiomas europeus. Naquele outono, eu saltava de um livro para outro: *A câmara clara*, de Barthes; *Telegramas da alma*, de Peter Altenberg; *O último amigo*, de Tahar Ben Jelloun, entre outros.

Naquela fuga sônica, eu me lembrava de Santo Agostinho e de seu assombro com Santo Ambrósio, que gozava da reputação de ter descoberto um meio de ler sem pronunciar as palavras em voz alta. Parece mesmo uma coisa estranha — e me surpreende tanto agora quanto antes — que possamos compreender palavras sem pronunciá-las. Para Agostinho, a melhor maneira de sentir o peso e a vida interior das frases era dizendo-as em voz alta, mas desde então muita coisa mudou em nossa noção de leitura. Aprendemos há muito tempo que a visão de um homem falando sozinho é sinal de excentricidade ou de loucura; não estamos mais nem um pouco habituados à nossa própria voz, a não ser na conversa ou na segurança de uma multidão que grita. Mas um livro sugere conversa: uma pessoa fala para outra, e o som audível é, ou devia ser, natural numa troca desse tipo. Portanto leio em voz alta sozinho, sou minha própria plateia e dou voz às palavras de outro.

Em todo caso, aquelas horas noturnas incomuns passavam facilmente, e muitas vezes eu adormecia ali mesmo no sofá, só me arrastava para a cama bem mais tarde, em geral em algum ponto já no meio da madrugada. Então, após o que sempre pareciam apenas alguns minutos de sono, eu era acordado de súbito pelo toque do despertador de meu celular, que estava programado para tocar um arranjo de “*O Tannenbaum*” executado por algo semelhante a uma marimba. Naqueles primeiros momentos de consciência, sob o clarão repentino da luz da manhã, minha mente corria em redor de si mesma, recordando fragmentos de sonhos ou trechos do livro que eu estava lendo antes de adormecer. Era para quebrar a monotonia daquelas noites que eu saía para caminhar duas ou três vezes por semana, depois do trabalho, e pelo menos num dos dias do fim de semana.

De início, eu encarava as ruas apenas como uma barulheira incessante, um choque depois da concentração do dia e da rela-

tiva tranquilidade, como se alguém, com o clarão de um televisor, destruísse a calma de uma capela particular e silenciosa. Eu costumava meu caminho no meio da multidão de consumidores e trabalhadores, no meio das obras nas ruas e das buzinas dos táxis. Caminhar por partes agitadas da cidade significava que meus olhos viam mais pessoas, centenas e até milhares de pessoas a mais do que eu estava habituado a ver ao longo de um dia inteiro, mas a impressão daqueles rostos incontáveis de nada adiantava para aplacar minha sensação de isolamento; na verdade, aumentava a sensação. Também fiquei mais cansado depois que as caminhadas começaram, um esgotamento diferente de qualquer cansaço que eu havia experimentado desde os primeiros meses de minha residência médica, três anos antes. Certa noite, simplesmente continuei a andar e não parei, segui até a Houston Street, uma distância de uns onze quilômetros, e me vi num estado de cansaço desorientador, me esforçando ao máximo para conseguir continuar de pé. Naquela noite, tomei o metrô para casa e, em vez de pegar no sono imediatamente, fiquei deitado na cama, cansado demais para me libertar de minha agitação, e no escuro reconstituí mentalmente os numerosos incidentes e imagens com que havia deparado enquanto vagava. Escolhia cada um deles como uma criança que brinca de montar um prédio com blocos de madeira, tentando imaginar onde cada um se encaixava, como cada um se combinava com o outro. Cada bairro da cidade parecia feito de uma substância diferente, cada um parecia ter uma pressão do ar diferente, um peso físico diferente: as luzes brilhantes e as lojas fechadas, os conjuntos habitacionais e os hotéis de luxo, as saídas de incêndio e os parques municipais. Minha inútil tarefa de escolher as partes e tentar encaixá-las prosseguia até que as formas começavam a se confundir umas com as outras e assumiam feições abstratas, sem relação com a cidade

real, e só então minha mente febril demonstrava afinal alguma piedade e se aquietava, só então vinha um sono sem sonhos.

As caminhadas atendiam uma necessidade: representavam um alívio do ambiente mental rigidamente controlado do trabalho, e assim que descobri que eram uma terapia, tornaram-se algo normal, e esqueci o que era a vida antes de eu começar a dar minhas caminhadas. O trabalho era um regime de perfeição e competência e não admitia improvisação nem tolerava erros. Por mais interessante que fosse meu projeto de pesquisa — eu fazia um estudo clínico sobre os distúrbios afetivos em idosos —, o grau de minúcia que a pesquisa exigia era de uma complexidade que ultrapassava qualquer outra coisa que eu tivesse feito até então. As ruas serviam como um bem-vindo oposto de tudo aquilo. Cada decisão — onde dobrar à esquerda, quanto tempo ficar perdido em pensamentos diante de um prédio abandonado, onde parar para ver o sol se pôr sobre Nova Jersey ou despencar nas sombras do East Side, de frente para o Queens — era algo irrelevante e, por esse motivo, servia como uma evocação da liberdade. Eu percorria os quarteirões da cidade como se medisse as distâncias com meus passos, e as estações de metrô serviam como motivos recorrentes em minha marcha sem destino. A visão de grandes massas humanas descendo afobadas para câmaras subterrâneas era perpetuamente estranha para mim, e eu tinha a sensação de que a raça humana inteira se precipitava, empurrada por um impulso de morte antinatural, rumo a catacumbas móveis. Na superfície da terra, eu estava com milhares de outros em sua solidão, mas dentro do metrô, de pé entre desconhecidos, empurrando e sendo empurrado em busca de espaço e de uma brecha para respirar, todos nós reconstituíamos traumas não admitidos, a solidão intensificada.

Num domingo de manhã, em novembro, depois de uma jornada por ruas relativamente tranquilas do Upper West Side, cheguei à grande praça ensolarada em Columbus Circle. A área tinha mudado pouco tempo antes. Tornara-se um destino mais comercial e turístico por causa do par de edifícios erguidos no local para a empresa Time Warner. Os edifícios, construídos com grande celeridade, tinham sido inaugurados pouco antes e eram repletos de lojas que vendiam camisetas sob medida, roupas de estilistas, joias, utensílios para a culinária *gourmet*, acessórios de couro feitos à mão e peças decorativas importadas. Nos andares de cima ficavam alguns dos restaurantes mais caros da cidade, que anunciavam trufas, caviar, bife de gado Kobe e caríssimos “menus degustação”. Acima dos restaurantes ficavam apartamentos que figuravam entre as moradias mais caras da cidade. A curiosidade me levava a entrar nas lojas no térreo uma ou duas vezes antes, mas o preço dos produtos e aquilo que eu percebia como uma atmosfera esnobe generalizada havia me impedido de regressar, até a manhã daquele domingo.

Era o dia da maratona de Nova York. Eu não sabia. Fiquei espantado ao ver cheia de gente a praça redonda diante das torres de vidro, uma multidão compacta e ansiosa, a postos bem junto à linha de chegada da maratona. A multidão margeava a rua que partia da praça na direção leste. Mais perto do lado oeste, havia um coreto sobre o qual dois homens com guitarras afinavam seus instrumentos, tocavam e respondiam um para o outro as notas prateadas de seus instrumentos amplificadas. Faixas, cartazes, pôsteres, bandeiras e flâmulas de todo tipo sacudiam no vento, e homens da polícia montada, em cavalos com antolhos, controlavam a multidão com a ajuda de cordões, apitos e movimentos das mãos. Os guardas vestiam azul-escuro e usavam quepes com viseiras. A multidão estava vestida com cores vivas, e olhar para todos aqueles tecidos sintéticos verdes, vermelhos, amarelos e

brancos sob o sol chegava a ferir os olhos. A fim de escapar do barulho, que parecia aumentar, resolvi entrar no shopping. Além das lojas Armani e Hugo Boss, havia uma livraria no segundo andar. Lá, pensei, talvez eu pudesse conseguir um pouco de calma e tomar um café, antes de voltar para casa. Mas a entrada estava tomada por uma parte da multidão que já não cabia na rua, e os cordões de isolamento não permitiam que eu entrasse nas torres.

Mudei de ideia e resolvi fazer uma visita a um antigo professor que morava ali perto, num apartamento a menos de dez minutos a pé, na Central Park South. Aos oitenta e nove anos, o professor Saito era a pessoa mais velha que eu conhecia. Quando eu era calouro em Maxwell, ele me tomou sob sua proteção. Naquela época, já era professor emérito, embora continuasse a frequentar o campus todos os dias. Deve ter visto em mim alguma coisa que o fez pensar que eu era alguém em quem sua refinada disciplina (Primórdios da Literatura Inglesa) não seria desperdiçada. Nesse aspecto, fui uma decepção, mas ele tinha bom coração e, mesmo depois que não consegui tirar uma nota decente em seu seminário sobre a Literatura Inglesa antes de Shakespeare, convidou-me diversas vezes para encontrá-lo em seu gabinete. Naquela ocasião, ele tinha instalado pouco antes uma máquina de fazer café incomodamente barulhenta, e assim nós tomávamos café e conversávamos: sobre as interpretações do *Beowulf* e depois, mais tarde, sobre os clássicos, sobre o interminável trabalho das pesquisas acadêmicas, os diversos consolos da universidade e também sobre seus estudos nas vésperas da Segunda Guerra Mundial. Este último tema era tão completamente distante de minha experiência que talvez fosse aquele que mais despertava meu interesse. A guerra começou bem quando ele estava terminando seu doutorado, e por isso foi obrigado a deixar a Inglaterra e voltar para sua família, no noroeste do Pacífico.

Com eles, pouco depois, foi levado preso para o Minidoka Camp, em Idaho.

Naquelas conversas, da maneira como hoje me recordo, era quase só ele que falava. Aprendi com ele a arte de escutar e a capacidade de reconstituir uma história a partir do que foi omitido. O professor Saito raramente me contava algo a respeito de sua família, mas me contava bastante sobre sua vida como professor universitário e sobre como havia reagido a questões importantes de seu tempo. Tinha feito uma tradução anotada de *Piers Plowman** na década de 1970, que veio a ser seu mais notável sucesso acadêmico. Quando o mencionava, fazia-o com uma curiosa mistura de orgulho e frustração. Aludia também a outro grande projeto (não dizia o que era), o qual jamais foi concluído. Falava ainda sobre a política dos departamentos da universidade. Lembro-me de uma tarde que foi tomada por suas recordações acerca de uma antiga colega, cujo nome não significava nada para mim quando ele o pronunciou e do qual agora nem me lembro mais. Aquela mulher se tornara famosa por seu ativismo na era da luta pelos direitos civis e, por um momento, chegou a ser tamanha celebridade no campus, que a sala onde dava aulas de literatura transbordava de alunos. Ele a descrevia como inteligente e sensível, mas uma pessoa com quem jamais conseguia estar de acordo. Tinha admiração e antipatia por ela. É um enigma, lembro que ele me disse, era uma boa professora e estava do lado certo das lutas da época, mas eu não conseguia suportá-la pessoalmente. Era ríspida e egocêntrica, que sua alma repouse em paz. Por aqui, contudo, não se pode dizer nem uma palavra contra ela. Ainda é considerada uma santa.

Depois que ficamos amigos, eu fazia questão de ver o pro-

* “Piers Plowman” [Pedro, o lavrador], poema inglês do século XIV. (N. T.)

fessor Saito duas ou três vezes por semestre, e aqueles encontros se tornaram preciosos momentos de luz em meus últimos dois anos em Maxwell. Passei a encará-lo como uma espécie de avô, completamente distinto de meus avôs (dos quais só conheci um). A sensação era de que eu tinha mais em comum com ele do que com meus parentes. Depois da graduação, quando fui embora, primeiro para fazer minha pesquisa em Cold Spring Harbor e depois para a faculdade de medicina em Madison, perdemos contato. Chegamos a trocar uma ou duas cartas, mas era difícil manter nossas conversas por aquele canal, pois notícias e novidades não constituíam a verdadeira matéria de nossa interação. No entanto, depois que voltei à cidade para fazer a residência, eu o vi algumas vezes. A primeira, por puro acidente — embora tenha ocorrido num dia em que eu estivera pensando nele —, foi na frente de uma mercearia perto da Central Park South, aonde ele tinha ido caminhar com a ajuda de um assistente. Depois, apareci em seu apartamento sem avisar, como se ele tivesse me convidado, e descobri que ele ainda mantinha a mesma política de portas abertas que seguia no tempo em que tinha seu próprio gabinete na faculdade. A máquina de fazer café daquele gabinete agora estava fora de uso, num canto da sala. O professor Saito me disse que estava com câncer de próstata. Não era algo inteiramente debilitante, mas havia deixado de ir ao campus e passara a atender seus discípulos em casa. Suas interações sociais tinham sido reduzidas a um grau que deve tê-lo magoado: o número de visitas que recebia havia declinado de forma drástica, a tal ponto que a maioria de seus visitantes era ou enfermeiras ou assistentes de enfermagem domiciliares.

Cumprimentei o porteiro no saguão escuro, de teto baixo, e peguei o elevador para o terceiro andar. Quando entrei no apartamento, o professor Saito deu um grito. Estava sentado na ponta da sala, perto das janelas grandes, e acenou na minha direção,

para eu sentar na cadeira à sua frente. Seus olhos estavam fracos, mas sua audição havia permanecido tão aguçada quanto na primeira vez que o encontrei, quando não passava dos setenta e sete anos de idade. Agora, entrouxado numa poltrona larga e macia, envolto em mantas, parecia alguém que penetrara bem fundo na segunda infância. Mas não era o caso, de forma nenhuma: sua mente, a exemplo da audição, permanecia aguçada e, quando sorria, as rugas se espalhavam por todo o rosto, vincando a pele da testa, fina como papel. Naquela sala, onde sempre parecia fluir uma delicada e fresca luz do norte, ele estava rodeado de arte, colecionada durante toda a vida. Meia dúzia de máscaras da Polinésia, expostas logo acima de sua cabeça, formavam um halo grande e escuro. No canto, estava uma figura ancestral da Papua em tamanho natural, com dentes entalhados individualmente e uma saia de palha que mal conseguia esconder seu pênis ereto. Ao se referir àquela figura, o professor Saito disse certa vez: Adoro monstros imaginários, mas fico apavorado com os monstros reais.

Das janelas que tomavam toda a extensão daquele lado da sala, via-se a rua coberta por sombras. Além da rua, estava o parque, que era delimitado por um comprido muro de pedra. Ouvi um clamor na rua, na hora em que eu estava me sentando; rapidamente me levantei de novo e vi um homem correndo sozinho no meio da alameda formada pela multidão. Estava de camisa dourada, luvas pretas que pareciam chegar aos cotovelos, como as luvas de uma dama num jantar elegante, e havia começado a arrancada final com um vigor renovado, animado pelos aplausos. Com as energias revigoradas, corria rumo ao coreto, à multidão entusiasmada, à linha de chegada e ao sol.

Venha cá, sente-se. O professor Saito tossiu, enquanto acenava para a cadeira. Conte-me o que anda fazendo; veja, andei doente; passei mal semana passada, mas agora estou bem melhor.

Na minha idade, a gente fica doente toda hora. Conte lá, como vai, como tem passado? O barulho de fora aumentou de novo e esmoreceu. Vi os corredores que vinham em segundo e terceiro lugar passarem ligeiros, dois negros. Quenianos, supus. Todo ano é assim, já faz quase quinze anos, disse o professor Saito. Se preciso sair de casa no dia da maratona, uso a saída dos fundos do edifício. Mas já não saio muito agora, com essa coisa enfiada dentro de mim, presa em mim feito o rabo de um cachorro. Quando sentei na cadeira, ele apontou para o saco transparente pendurado numa pequena haste de metal. O saco estava cheio de urina até a metade e um tubo plástico ia de lá até algum ponto embaixo do ninho de mantas. Alguém comprou caquis para mim ontem, uns caquis maravilhosos, firmes. Não quer um? Sério, devia provar. Mary! A auxiliar de enfermagem, mulher de meia-idade, alta e vigorosa, de Santa Lúcia, que eu tinha encontrado ali em visitas anteriores, surgiu no corredor. Mary, podia fazer a gentileza de servir alguns caquis ao nosso visitante? Depois que ela desapareceu na cozinha, ele disse: Tenho tido dificuldade para mastigar ultimamente, Julius, por isso uma coisa saborosa e acessível como um caqui é algo perfeito para mim. Mas agora chega desse assunto. Como tem passado? Como vai seu trabalho?

Minha presença lhe transmitia energia. Contei-lhe um pouco a respeito de minhas caminhadas e senti vontade de lhe contar mais, porém não tinha clareza do que eu procurava dizer acerca do território solitário que minha mente vinha percorrendo. Assim, contei-lhe a respeito de um de meus casos recentes. Tive de atender uma família de cristãos conservadores e pentecostais que me foi encaminhada por um dos pediatras do hospital. O filho de treze anos de idade, filho único, estava prestes a se submeter a um tratamento de leucemia que comportava grave risco de infertilidade. O conselho do pediatra para a família foi

congelar uma quantidade de sêmen do jovem e guardá-lo, de modo que, quando se tornasse adulto e casasse, seria possível inseminar artificialmente a esposa e gerar filhos próprios. Os pais estavam abertos à ideia de armazenar o esperma e nada tinham contra a inseminação artificial, mas mantinham firme oposição, por motivos religiosos, à ideia de deixar o filho se masturbar. Não havia nenhuma solução puramente cirúrgica para o impasse. A família estava em crise por causa do assunto. Vieram me consultar e, após algumas sessões, e depois de muitas orações da parte deles, resolveram correr o risco de não ter netos. Simplesmente não podiam permitir que o filho cometesse o que chamavam de pecado do onanismo.

O professor Saito balançou a cabeça e pude ver que ele tinha gostado da história, que sua feição estranha e infeliz o havia divertido (e perturbado), assim como acontecera comigo. As pessoas escolhem, disse ele, as pessoas escolhem, e escolhem pelos outros. Mas e fora de seu trabalho, o que você anda lendo? Sobre tudo revistas de medicina, respondi, e também muitas outras coisas interessantes que começo a ler e, por um motivo ou outro, não consigo terminar. Assim que compro um livro novo, ele me repreende por deixá-lo sem ser lido. Também não leio muito, disse o professor Saito, do jeito que andam meus olhos; mas já tenho um bocado de coisa guardada aqui dentro. E apontou para a cabeça. Na verdade, estou lotado. Rimos e só então Mary trouxe os caquis num pires de porcelana. Comi metade de uma fruta; estava um pouco doce demais. Comi a outra metade e agradei.

Durante a guerra, disse ele, confiei alguns poemas à memória. Suponho que essa expectativa agora não exista mais nas faculdades. Vi a mudança ocorrer no tempo em que estive em Maxwell, vi como as últimas gerações que ingressaram estavam pouco preparadas para isso. A memorização, para elas, era apenas

um entretenimento agradável, que vinha em função de algum curso específico; para seus antepassados de trinta ou quarenta anos antes, havia um forte vínculo entre a vida e os poemas, que nascia do fato de terem memorizado vários deles. Os calouros na faculdade traziam consigo um conjunto de obras com as quais já mantinham uma relação antes mesmo de porem os pés nas aulas de inglês de uma faculdade. Para mim, nos anos 40, a memorização foi uma habilidade muito útil e eu recorria a ela porque não tinha certeza de que poderia voltar a ver meus livros e, de todo modo, não havia muito o que fazer no campo de prisioneiros. Todos vivíamos confusos a respeito do que estava acontecendo; éramos americanos, sempre pensávamos em nós mesmos dessa forma, e não como japoneses. Houve todo aquele tempo de uma espera confusa, mais difícil para os pais, eu creio, do que para os filhos, e nessa espera eu guardei na cabeça trechos do *Prelúdio*, sonetos de Shakespeare e longas passagens de Yeats. Agora não me recordo mais das palavras exatas de nenhum deles, faz tempo demais, porém só preciso do ambiente criado pelos poemas. Só um ou dois versos, como um pequeno anzol — e mostrou a forma com a mão —, só um ou dois, basta isso para fisgar todo o resto, o que o poema diz, o que significa. Tudo é puxado pelo anzol. *No tempo do estio, quando o sol era ameno, eu me cobria com um manto, quando era pastor.* Você reconhece? Acho que hoje em dia ninguém memoriza mais nada. Fazia parte de nossa disciplina, assim como um bom violonista tinha de saber de cor as partitas de Bach ou as sonatas de Beethoven. Meu professor em Peterhouse era Chadwick, de Aberdeen. Era um grande intelectual; tinha sido aluno de Skeat. Já contei para você a respeito de Chadwick? Um rematado resmungão, mas foi ele o primeiro a me ensinar o valor da memória e de que forma pensar nela como uma música mental, um conjunto de iampos e troqueus.

Seu devaneio o afastava do dia a dia; afastava-o das mantas

e do saquinho de urina. Estava de novo nos anos 30, de volta a Cambridge, respirando o ar úmido dos brejos, desfrutando a tranquilidade de sua bolsa de estudos da juventude. Às vezes, mais parecia que estava falando sozinho, mas de repente fazia uma pergunta direta e eu, vendo interrompido meu próprio fluxo de pensamentos, ficava em apuros para encontrar uma resposta. Retomávamos o antigo relacionamento de aluno e professor e ele ia sempre em frente, sem hesitar, a despeito de minhas respostas serem pertinentes ou não, de eu confundir Chaucer com Langland, ou Langland com Chaucer. Uma hora se passou rapidamente, e ele me perguntou se eu não podia ficar ali o resto do dia. Prometi voltar em breve.

Quando saí para a Central Park South, o vento tinha ficado mais frio, o ar, mais claro, e os aplausos da multidão, mais altos e constantes. Uma vasta corrente de corredores cruzava a linha de chegada. Como a rua 59 estava bloqueada por cordões de isolamento, segui até a rua 57 e subi até chegar à Broadway. O metrô estava congestionado demais em Columbus Circle, por isso caminhei na direção do Lincoln Center, a fim de pegar o metrô na estação seguinte. Na rua 62, topei com um homem ágil, de costeletas grisalhas, levando um saco plástico com uma etiqueta, que estava visivelmente esgotado e mancava, com as pernas um pouco arqueadas. Estava de calção e meias colantes de ginástica, além de uma jaqueta azul de lã e de mangas compridas. Pelas feições, achei que era mexicano ou da América Central. Caminhamos lado a lado por um tempo, não de propósito, mas nos vimos andando juntos, no mesmo passo e na mesma direção. Por fim, perguntei-lhe se havia acabado de correr naquele momento e, quando fez que sim com a cabeça e sorriu, dei-lhe os parabéns. Mas, comecei a pensar, depois de quarenta e dois quilômetros, ele se limitara a pegar seu saco plástico e seguir a pé para casa. Não havia amigos nem familiares presentes para

celebrar seu feito. Senti pena dele. Desviando aqueles pensamentos particulares, voltei a falar, perguntei se a corrida tinha sido boa. Sim, disse ele, a corrida foi boa, o tempo estava bom para correr, não fazia calor demais. O homem tinha um rosto agradável, mas fatigado, devia ter uns quarenta e cinco ou cinquenta anos de idade. Caminhou um pouco mais adiante por dois ou três quarteirões, intercalando nossos silêncios com alguma conversa superficial sobre o tempo e a multidão.

Na rua transversal em frente aos teatros líricos, me despedi dele e comecei, eu mesmo, a andar mais ligeiro. Imaginei sua silhueta claudicante ficando para trás, enquanto eu avançava depressa, seu corpo magro e rijo ostentando uma vitória visível para ninguém, senão para si mesmo. Meus pulmões eram fracos quando criança e nunca fui um corredor, mas compreendo de forma instintiva o ímpeto de energia que um maratonista consegue em geral encontrar no quadragésimo quilômetro da prova, já bem perto do fim. Mais misterioso é o que mantém essas pessoas correndo no trigésimo, trigésimo primeiro e trigésimo segundo quilômetros. Nessa altura, o acúmulo de cetonas deixa as pernas endurecidas e a acidose ameaça abater o ânimo e interromper os movimentos do corpo. O primeiro homem que correu uma maratona em toda a história morreu instantaneamente, e não é de admirar: trata-se de uma atividade que leva ao extremo a resistência humana e continua a ser algo notável, a despeito de quantas pessoas a pratiquem hoje em dia. E assim, ao me virar para trás a fim de olhar para meu companheiro de pouco antes, e pensando no colapso de Fidípides, enxerguei a situação com mais clareza. Eu era digno de pena, pois apesar de ser tão solitário quanto ele, havia tirado menos proveito daquela manhã.

Logo cheguei à grande loja Tower Records na esquina da rua 66 e fiquei surpreso ao ver as placas do lado de fora que anunciavam que a loja bem como a empresa que a geria iam

fechar as portas. Eu tinha ido à loja muitas vezes, na certa gastara ali centenas de dólares com música, e me pareceu justo, em homenagem aos velhos tempos, visitá-la de novo antes de fecharem as portas para sempre. Entrei, atraído também pela promessa de que os preços tinham sido muito reduzidos em todos os produtos, apesar de não me sentir especialmente motivado a comprar nada. A escada rolante me levou ao segundo andar, onde a seção de música clássica, mais movimentada do que o costume, parecia ter sido expropriada em seu todo por homens velhos e de meia-idade que vestiam paletó de cor parda. Os homens vasculhavam as caixas de CDs com a paciência de animais no pasto, e alguns levavam cestos vermelhos de compras, nos quais jogavam os discos que escolhiam, enquanto outros abraçavam sacos plásticos junto ao peito. O sistema de som da loja estava tocando Purcell, um coro envolvente que logo identifiquei como uma das odes compostas para o aniversário da rainha Maria. Em geral eu não gostava do que tocavam nos alto-falantes das lojas de música. Aquilo estragava o prazer de pensar em outras músicas. Parecia-me que lojas de música tinham de ser locais silenciosos: lá, mais do que em qualquer outra parte, a mente precisava estar desimpedida. Porém, naquele caso, como eu reconheci a composição, e como era uma peça que eu adorava, não me importei.

O disco que tocaram a seguir, embora em tudo distinto do anterior, era outra música que identifiquei de imediato: o movimento de abertura da última sinfonia de Mahler, *Das Lied Von der Erde*. Voltei à minha busca, passando de uma caixa para outra, de relançamentos das sinfonias de Chostakóvitch executadas por orquestras regionais soviéticas, esquecidas havia muito tempo, até recitais de Chopin, interpretados por pianistas de rosto jovem, classificados nas primeiras colocações na Competição Van Cliburn, tive a sensação de que a redução dos preços era

modesta, perdi todo o interesse real em comprar e por fim comecei a me adaptar à música que soava acima de mim e a penetrar nas estranhas nuances do seu mundo. Aconteceu de maneira subliminar, porém em pouco tempo fiquei arrebatado e, sem mais nem menos, me senti envolvido numa escuridão particular. Em tal transe, continuei a passar de uma fila de discos para outra, meus dedos folheavam as caixinhas de plástico, as revistas e as partituras, enquanto escutava os movimentos daquela *chinoiserie* vienense se sucederem um ao outro. Ao ouvir a voz de Christa Ludwig, no segundo movimento, uma canção sobre a solidão do outono, reconheci que se tratava da famosa gravação regida por Otto Klemperer em 1964. Com que espanto me veio outra descoberta: que tudo o que me restava ali era fazer hora e aguardar a chegada do núcleo emocional da obra, que Mahler situara no movimento final da sinfonia. Sentei num dos bancos duros próximos das cabines onde se podiam ouvir os discos e mergulhei num devaneio, segui os passos de Mahler pela embriaguez, pela saudade, pelo tom bombástico, pela juventude (com seu declínio) e pela beleza (com seu declínio). Então veio o movimento final, “Der Abschied”, a Despedida, e no lugar onde Mahler em geral indicava o tempo da música, ele havia escrito *schwer*, difícil.

O canto de pássaro e a beleza, os queixumes e os toques festivos dos movimentos anteriores, todos foram suplantados por um estado de ânimo diferente, mais forte e mais seguro. Era como se as luzes, sem aviso, tivessem brilhado com mais força diante de meus olhos. Era simplesmente impossível entrar por inteiro na música, não naquele lugar público. Coloquei a pequena pilha de discos que estava em minha mão sobre a mesa mais próxima e saí. Entrei no metrô rumo à parte alta da cidade na hora exata em que as portas fecharam. Naquela altura, a multidão da maratona começava a diminuir. Sentei-me e recostei no banco. O tema melódico de cinco notas de “Der Abschied” con-

tinuava a se desdobrar a partir do ponto de onde eu havia fugido, soava com tamanha presença que parecia que eu ainda estava na loja, ouvindo a música. Sentia a madeira dos clarinetes, a resina dos violinos e das violas, as vibrações dos tímpanos e a inteligência que os mantinha todos unidos e os conduzia de modo interminável pela partitura musical. Minha memória estava sobrecarregada. A canção me acompanhou até em casa.

A música de Mahler tomou conta de minhas atividades durante todo o dia seguinte. Havia uma intensidade nova até nas coisas mais corriqueiras do hospital: o brilho das portas de vidro na entrada do edifício Milstein, as mesas de exames e as macas com rodinhas no térreo, as pilhas de fichas de pacientes no departamento de psiquiatria, a luz nas janelas da lanchonete, as cabeças afundadas dos prédios da parte alta da cidade, vistos daquela altura, como se a precisão da textura orquestral tivesse sido transferida para o mundo das coisas visíveis, e cada detalhe, de algum modo, tivesse se tornado pleno de significado. Um de meus pacientes havia sentado de frente para mim, de pernas cruzadas, o pé direito erguido, se mexendo no sapato preto e lustroso, e de certo modo também ele parecia fazer parte daquele complexo mundo musical.

O sol estava se pondo quando saí do Hospital Presbiteriano de Columbia, o que dava ao céu um toque prateado. Peguei o metrô até a rua 125 e, na caminhada até meu bairro, sentindo-me muito menos fatigado do que costumava acontecer nas noites de segunda-feira, tomei um desvio e caminhei um pouco pelo Harlem. Vi o agitado comércio dos ambulantes na calçada: os senegaleses vendedores de roupas, os jovens que vendiam DVDs piratas, as barraquinhas da Nação do Islã. Havia livros publicados pelos próprios autores, túnicas africanas, pôsteres sobre libertação dos negros, feixes de incenso, frascos de perfume e de óleos essenciais, tambores *djembê* e pequenos objetos decorativos africa-

nos. Sobre um tabuleiro estavam expostas fotografias ampliadas de linchamentos e afro-americanos no início do século xx. Dobrando a esquina da St. Nicholas Avenue, os motoristas de táxis pretos estavam reunidos, fumavam cigarros e conversavam, à espera de corridas pelas quais pudessem cobrar mais do que marcava o taxímetro. Jovens de suéteres com capuz, assimilados a uma economia informal, transmitiam mensagens e trocavam entre si pacotinhos embrulhados em náilon, representando uma coreografia opaca para qualquer outra pessoa que não eles mesmos. Um velho com cara cor de cinzas e olhos amarelos em forma de bulbos, de passagem por ali, ergueu a cabeça para me cumprimentar e eu (por um momento achando que se tratava de alguém que eu certamente conhecia, ou havia conhecido algum dia, ou tinha visto antes, e me desfazendo uma a uma de todas essas ideias; e depois com receio de que a velocidade daquelas dissociações mentais pudesse perturbar o ritmo de meus passos) respondi seu cumprimento silencioso. Dei meia-volta para ver seu capuz preto dissolver-se numa porta sem iluminação. Na noite do Harlem não existiam brancos.

No mercado, comprei pão, ovos e cerveja e, ao lado, na loja jamaicana, comprei carne de cabra ao curry, bananas-da-terra maduras, arroz e ervilhas para levar para casa. Do outro lado da mercearia ficava uma loja Blockbuster; embora eu nunca tivesse alugado nada ali, fiquei surpreso ao ver um cartaz anunciando que também aquilo ia fechar as portas. Se uma loja Blockbuster não conseguia se aguentar numa área repleta de estudantes e famílias, só podia significar que aquele modelo de negócio tinha sido afetado de maneira fatal, que os esforços desesperados que haviam feito ultimamente, e que então eu recordei, baixando os preços da locação, lançando uma campanha publicitária maciça e abolindo as multas por atraso, tinham sido feitos tarde demais. Pensei na loja Tower Records — uma associação que não pude

deixar de fazer, uma vez que as duas empresas tinham dominado, por muito tempo, suas respectivas indústrias. Não que eu sentisse pena daquelas empresas nacionais e sem rosto: longe disso. Elas tinham acumulado seus lucros e ganhado fama destruindo as empresas menores, locais, que existiam antes delas. No entanto fiquei abalado não tanto com o desaparecimento daqueles acessórios de minha paisagem mental, mas sim com a velocidade e a indiferença com que o mercado engolia até as empresas mais sólidas. Negócios que, alguns anos antes, pareciam inabaláveis tinham desaparecido, pelo visto, num intervalo de poucas semanas. O papel que desempenhavam, qualquer que fosse, havia passado para outras mãos, mãos que por um breve tempo se sentiriam invencíveis e que, por sua vez, acabariam derrotadas por mudanças imprevistas. Aqueles sobreviventes seriam esquecidos também.

Quando me aproximei do edifício de apartamentos com minhas sacolas, vi alguém que eu conhecia: o homem que morava no apartamento vizinho ao meu. Ele estava entrando no edifício na mesma hora e segurou a porta aberta para eu passar. Eu não o conhecia direito, na verdade mal o conhecia e tive de pensar por um momento antes de lembrar seu nome. Tinha cinquenta e poucos anos de idade e se mudara para cá no ano anterior. O nome me voltou à memória: Seth.

Eu tinha conversado rapidamente com ele e sua esposa, Carla, quando se mudaram para cá, mas depois disso quase não falei mais com eles. Seth era assistente social aposentado e alimentava o antigo sonho de voltar à faculdade e tirar um segundo diploma, em línguas românicas. Eu só o via uma vez por mês, na porta do edifício ou junto às caixas de correio. Carla, que eu só tinha visto duas vezes desde que se mudaram para o prédio, também estava aposentada; havia sido diretora de escola no Brooklyn e os dois ainda possuíam uma casa lá. Certa vez, quando minha

namorada, Nadège, e eu tivemos um dia de folga juntos, Seth veio bater na minha porta para perguntar se eu estava tocando violão. Quando respondi que não sabia tocar violão, explicou que muitas vezes ficava em casa de tarde e que o barulho de meus alto-falantes (devem ser seus alto-falantes, disse ele, apesar de parecer o som de música ao vivo) às vezes o incomodava. Mas ele acrescentou, com simpatia autêntica na voz, que ele e a esposa sempre passavam os fins de semana fora e que nós estávamos liberados para fazer barulho da tarde de sexta-feira em diante, se quiséssemos. Fiquei sem graça e pedi desculpas. Depois disso fiz um esforço consciente para não incomodá-los e nunca mais se falou do assunto.

Seth segurou a porta para eu entrar. Ele também tinha ido fazer compras e carregava sacolas plásticas. Está ficando frio, disse ele. Seu nariz e os lóbulos das orelhas tinham um tom cor-de-rosa e os olhos estavam lacrimejantes. Sim, sim, é mesmo, na verdade cheguei a pensar em pegar um táxi na rua 125. Seth fez que sim com a cabeça e ficamos parados em silêncio um momento. Quando o elevador chegou, entramos. No sétimo andar, saímos e, quando caminhávamos pelo corredor, nossas sacolas de náilon roçavam umas nas outras e eu lhe perguntei se eles ainda passavam os fins de semana fora de casa. Ah, sim, todo fim de semana, mas agora estou sozinho, Julius. Carla morreu em junho. Teve um ataque do coração.

Fiquei desconcertado, numa confusão momentânea, como se tivessem acabado de me contar uma coisa impossível. Lamento muito, falei. Ele inclinou a cabeça e continuamos a caminhar pelo corredor. Perguntei se ele conseguira algum período de dispensa da faculdade. Não, respondeu Seth, continuei a estudar, não parei. Coloquei a mão em seu ombro por um momento e disse de novo como eu lamentava o que havia ocorrido e ele me agradeceu. Pareceu vagamente embaraçado, tendo de lidar com

meu choque atrasado em face de algo que, para ele, era um fato muito mais pessoal, porém já antigo. Nossas chaves tilintaram e Seth entrou no apartamento 21 e eu, no 22. Fechei a porta e ouvi que Seth também fechou a dele. Não acendi a luz. Uma mulher tinha morrido no apartamento colado ao meu, tinha morrido do outro lado da parede em que eu estava encostado, e eu nada percebera. Não havia percebido nada durante as semanas em que seu marido estava de luto, não havia percebido nada quando o cumprimentava com um movimento da cabeça, com meus fones enfiados nos ouvidos, ou quando dobrava roupas na lavanderia do prédio e ele usava a máquina de lavar. Eu não o conhecia o bastante para lhe perguntar rotineiramente como estava Carla e eu não a via nem percebia a presença dela. Isso é que foi o pior. Eu não percebera nem a ausência de Carla nem a mudança — deve ter havido alguma mudança — no estado de espírito de Seth. Mesmo na ocasião, não teria sido possível bater na porta de Seth e lhe dar um abraço ou conversar com ele demoradamente. Teria sido uma intimidade falsa.

Por fim acendi a luz e segui adiante no meu apartamento. Imaginei Seth lutando com suas tarefas domiciliares de língua francesa e espanhola, conjugando verbos, esforçando-se para fazer as traduções, memorizando listas de palavras, fazendo exercícios de redação. Enquanto arrumava minhas compras, tentava recordar exatamente quando ele viera bater na minha porta para perguntar se eu estava tocando violão. Por fim, me contentei com a ideia de que aquilo tinha ocorrido antes, e não depois, da morte da esposa. Isso me deu certa sensação de alívio, que quase imediatamente deu lugar a uma impressão de vergonha. Mas mesmo esse sentimento acabou cedendo; rápido demais, me parece agora, quando penso nisso.